

Rumo ao próximo encontro entre as religiões em Assis

Encontro marcado com as surpresas do Espírito

Em primeiro lugar, gostaria de exprimir a minha, a nossa alegria e gratidão ao Papa Bento XVI por ter convocado o próximo e grande encontro na cidade de São Francisco. É a alegria que aflora diante de uma inspiração que certamente vai imprimir uma nova aceleração e profundidade na vivência das próprias convicções religiosas a serviço da paz. Isso é urgente justamente hoje, quando, por um absurdo, se difunde o medo da religião, que por sua natureza é fonte vital de paz, indicando-a como a causa principal de muitos conflitos, tensões, fobias, intolerâncias e perseguições de conotação religiosa, que fervilham no mundo.

Sem dúvida, neste período de grandes transformações, «os muros que circundam as várias civilizações, com as suas culturas estão se desfazendo», como observa o filósofo Giuseppe Zanghì. Mas ao mesmo tempo «uma cidade-mundo sem muros se vislumbra, de fato, ao horizonte, cheia de esperança».

É a visão apresentada por Chiara Lubich, em Londres, em 2004, diante de uma grande plateia, com representantes de numerosas religiões. Como resposta ao interrogativo sobre qual futuro aguarda a sociedade multicultural, multiétnica e multirreligiosa do nosso tempo, diante de riscos de conflitos de civilizações, ela evocou a visão de Santo

Agostinho no período da queda do Império Romano sob a pressão das migrações dos povos: não foi o final de uma civilização, mas o nascimento de um mundo novo.

Um mundo novo gerado no sofrimento. Desde o início dos anos Setenta, Chiara percebia os indícios da «sensação de penosa incerteza, de um sofrimento que — ela disse — a humanidade de alguma forma sente e certamente sentirá quando os vários pontos da Terra forem abalados por este impacto com outros povos desconhecidos». Falando aos jovens num congresso internacional, ela fez este pedido: «não fechem os olhos diante dessa tribulação da humanidade, mas participem conscientemente da gestação do mundo novo». «Estão aqui — acrescentou — para se formarem segundo uma “mentalidade mundo”, para vir a ser “homem-mundo”».

Por um instante, essa visão de um mundo novo se tornou uma experiência justamente há vinte cinco anos, no encontro histórico entre chefes religiosos do mundo, em Assis. Isso foi mencionado por João Paulo II, poucos meses depois, nas vésperas do Natal de 1986, num profundo discurso dirigido aos seus mais estreitos colaboradores da Cúria Romana: «Por um instante parecia se exprimir também de modo visível a unidade secreta, mas radical que o Verbo divino, “nele tudo foi criado e nele tudo subsiste”, estabeleceu entre os homens e as mulheres do mundo». Uma visão que abraça o



presente, «aqueles que agora partilham os anseios e as alegrias desse último trecho do século XX». Inclusive o passado e o futuro: «Também quem nos precedeu na história e aqueles que assumirão o nosso lugar “até que venha o Senhor”».

É a grande visão do desígnio de Deus para o gênero humano, ilustrada pelo Concílio Vaticano II, desenhada desde as suas primeiras linhas em *Nostra aetate*: «vários povos», mas «uma única comunidade» estendida em toda a face da Terra, que em Assis se tornou visível. O bem-aventurado João Paulo II a aprofundou no seu denso discurso. É uma «unidade radical» — afirma — «que se fundamenta no mistério da criação divina e pertence à mesma identidade do ser humano». «Todos os homens — prossegue utilizando os textos conciliares — são chamados à unidade do povo de Deus que prevê e promove a paz universal».

Uma perspectiva que ilumina com uma nova luz a missão da Igreja delineada pelo Concílio: «Ser fermento de unidade e de esperança para a humanidade» e portanto chamada a não «rejeitar nada do que é verdadeiro e santo» nas diversas religiões, aliás, convidada a «sublinhar e a fazer progredir os autênticos valores espirituais, morais e sociais», a perceber nelas «raios da verdade que podem iluminar todos os homens».

Agora o Papa Bento XVI acolhe este pedido do seu predecessor que, desde então, convidava a «reencontrar e manter sempre vivo o espírito de Assis, como motivo de esperança para o futuro».

Nesses vinte e cinco anos o caminho aberto pelo bem-aventurado João Paulo II, atuando os ensinamentos conciliares, sem dúvida cresceu muito graças à ação do Espírito Santo que entrelaça admiravelmente palavras de ensinamento e gestos proféticos dos Papas com a vida de muitas testemunhas, antigos e novos carismas, ordens monásticas e novos movimentos eclesiais, suscitados por ele na Igreja católica e em outras Igrejas e comunidades eclesiais.

É Ele que guia a história no desenrolar desse grande desígnio de unidade, apesar das muitas sombras que pesam sobre o nosso planeta. Somos todos testemunhas. Também para o nosso Movimento, quase de surpresa, abriu-se a página inexplorada do diálogo inter-religioso. Chiara Lubich reconheceu um sinal do Espírito Santo no interesse demonstrado pela sua experiência espiritual por parte de representantes de várias religiões presentes na Guildhall de Londres, em 1979, quando lhe foi conferido o prêmio Templeton para o progresso da religião.

Desde então inumeráveis desenvolvimentos se verificaram em mais de 30 anos. Continuamente se renova a surpresa em ver que o caminho espiritual, pelo qual Deus nos conduziu se cruza com outros caminhos espirituais e, mantendo a nossa identidade, com um impulso missionário constante, como testemunhas de Jesus Cristo: «caminho, verdade e vida», permite que nos encontremos e compreendamos com os seguidores das grandes tradições religiosas da humanidade.

Este é o caminho que estamos experimentando. Quando Chiara, em 1972, convidou os jovens a serem protagonistas na gestação do mundo novo, lhes entregou aquela que definia «uma potentíssima arma do amor», «o modelo capaz de recompor a unidade do mundo»: Jesus crucificado que chegou a gritar o abandono do Pai. «Cabe a vocês revivê-lo para dar um impulso, indispensável e decisivo, na guinada que a humanidade está enfrentando».

Ele, o Senhor crucificado e ressuscitado, é a chave que abre o diálogo também nas situações mais difíceis, o modelo daquele amor radicalmente desinteressado, daquela kenosi, daquele vazio de amor necessário para acolher o outro.

Foi inesperado o pedido que Chiara recebeu de falar sobre isso diante de grandes assembleias de budistas em Tóquio, de monges e monjas budistas na Tailândia, de muçulmanos em Harlem, das populações animistas na República dos Camarões. Esse pedido foi feito também a mim, nas recentes viagens na África e na Ásia, e constatei de novo com admiração quanto o amor e a unidade estão inscritos no DNA de cada homem.

Hoje o diálogo entre as religiões não se pode limitar aos líderes, aos estudiosos e especialistas. Deve se tornar um diálogo de povo, um diálogo da vida, que se revela cada vez mais indispensável para a convivência pacífica nas nossas cidades e países, pois vivemos lado a lado com muçulmanos e budistas, hinduístas e siques. É uma crônica a ser descoberta e talvez inventada, sem nos deixar deprimir pelo barulho dos fatos de intolerância e violência.

É o testemunho cotidiano que abre os caminhos: experimentamos isso nos vários pontos do mundo. Na Argélia, diante da imagem unívoca de um islã fechado e impenetrável, e de uma minoria cristã em posição de defesa, desde os anos Sessenta abriu-se outro panorama: teve início e se desenvolveu um diálogo espiritual profundo entre cristãos e muçulmanos.

«Você era um exemplo magnífico de coerência entre o que se diz, o que se faz e o que se é. Você veio até nós derretendo um mar de gelo e destruindo os muros que nos separavam para construir uma ponte indestrutível». São palavras de um muçulmano, Sidi Ahmed Benchouk, ex-prefeito da região de Tlemcen, dirigidas a Ulisse Caglioni, focolarino, que viveu na Argélia desde 1966, no dia do seu enterro, em 2003, em Castel Gandolfo. E numa longa carta a um grupo de amigos muçulmanos escreveu: «Ele sempre testemunhou a sua fé. Foi para nós o modelo da pessoa que crê. Era um homem de Deus, um homem que faz parte de nós mesmos».

Experimentamos o semblante autêntico do islã e a força de paz do diálogo também em outros pontos cruciais, como na Turquia, Terra Santa, Líbano, Paquistão, Estados Unidos, para não falar da Europa. Em toda parte conhecemos cristãos e muçulmanos que testemunham que se pode passar do medo do outro à descoberta do outro, e se pode influenciar na fraterna convivência nas cidades. Num recente congresso do Movimento na Itália, um imã declarou: «Aprendi a não me render à lógica do amigo-inimigo, a apostar na unidade da família humana ligada por vínculos de interdependência e fraternidade, a olhar para o outro com a certeza de que ali encontrarei uma riqueza desconhecida».

Vamos acompanhar e rezar desde já por este compromisso em Assis, no próximo mês de outubro. Aguardando novas surpresas que o Espírito Santo vai reservar para nós,

Maria Voce, Presidente do Movimento dos Focolares
13 de julho de 2011